

**DIÁLOGOS ENTRE O DIREITO, A NATUREZA E A POESIA:  
O DIREITO FUNDAMENTAL AO MEIO AMBIENTE, A ÉTICA DA  
NATUREZA E A TERRA, NOS VERSOS DE CORA CORALINA**

**DIALOGUE BETWEEN THE RIGHT, THE NATURE AND POETRY:  
FUNDAMENTAL RIGHT TO THE ENVIRONMENT , THE ETHICS OF  
NATURE AND THE EARTH , IN THE VERSES OF CORA CORALINA**

**REGINA VERA VILLAS BÔAS<sup>1</sup>  
GRASIELE AUGUSTA FERREIRA NASCIMENTO<sup>2</sup>**

**RESUMO:** O presente texto apresenta estudos e diálogos entre as fontes do *Direito, Arte, Poesia, Meio Ambiente e Ética da Natureza*, tomando como ponto de partida a lembrança de entusiasmados debates ocorridos, contemporaneamente, no cenário nacional e internacional, todos eles (debates) enfocados de maneira inter, multi e transdisciplinar, de maneira a percorrer distintos campos do conhecimento como o jurídico, o sociológico, o literário e artístico, entre outros. Os diálogos trazidos à baila conclamam valores da essência humana, desafiando polêmicas a respeito da efetividade dos direitos humanos - os quais constitucionalizados, transmudam-se para direitos fundamentais -, e enfrenta questões contemporâneas sobre a Ética da Natureza, sobre o valor e a proteção socio-jurídica dos bens ambientais – exaltados em nome e em homenagem ao planeta Terra, que contém na sua substância maior, a vida, o alimento da vida, a fecundidade e a morada tranquila daqueles que se despedem da presente vida. Tudo é concretizado a partir de ricos diálogos, estabelecidos entre o conteúdo dos poemas e contos de Cora Coralina, com o valor sócio jurídico contemporâneo dos bens ambientais e o

---

<sup>1</sup> Pós-doutora em “Democracia e Direitos Humanos” pela Universidade de Coimbra/IGC. Doutora e Mestre em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora do Programa de Mestrado em Direito do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL) e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). E-mail: [regvboas@terra.com.br](mailto:regvboas@terra.com.br)

<sup>2</sup> Pós-doutora em “Democracia e Direitos Humanos” pela Universidade de Coimbra/IGC. Doutora e Mestre em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Coordenadora e Professora do Programa de Mestrado em Direito do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL) e Professora da FEG/UNESP. E-mail: [contato@grasielenascimento.com.br](mailto:contato@grasielenascimento.com.br)

reconhecimento das dignidades do homem e da Terra, na salvaguarda dos direitos das presentes e futuras gerações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cora Coralina; meio ambiente; dignidade da condição humana; direitos humanos e fundamentais; diálogos contemporâneos.

**ABSTRACT:** This paper presents studies and dialogue between sources of *Law, Art, Poetry, Environment and Nature of Ethics*, taking as its starting point the memory of enthusiastic debates that took place contemporaneously in the national and international scene, all of them (debates) focused inter way, multi- and transdisciplinary in order to go through different fields of knowledge as the legal, sociological, literary and artistic, among others. Dialogues brought to bear call upon values of human essence, challenging polemics about the effectiveness of human rights - which constitutionalized, transmute to fundamental rights - and confront contemporary issues on the Ethics of Nature, on the value and social protection -jurídica of environmental goods - exalted in name and in honor of the planet Earth, which contains the most substance, life, the food of life, fertility and quiet abode of those who take leave of this life. Everything is brought from rich dialogue established between the content of the poems and Cora Coralina tales with contemporary legal social value of environmental assets and the recognition of the dignity of man and the earth, the safeguarding of these rights and future generations.

**KEYWORDS:** Cora Coralina; environment; dignity of the human condition; human and fundamental rights; contemporary dialogues.

Rio de Janeiro, 14 de julho de 1979.

Cora Coralina

Não tendo o seu endereço, lanço estas palavras ao vento, na esperança de que ele as deposite em suas mãos. Admiro e amo você como alguém que vive em estado de graça com a poesia. Seu livro é um encanto, seu lirismo tem a força e a delicadeza das coisas naturais. Ah, você me dá saudades de Minas, tão irmã do teu Goiás! Dá alegria na gente saber que existe bem no coração do Brasil um ser chamado Cora Coralina. Todo o carinho, toda a admiração do seu

Carlos Drummond de Andrade.

(Coralina, 2014).

## **INTRODUÇÃO: OBSTÁCULOS ENFRENTADOS PELAS LUTAS EM FAVOR DOS DIREITOS HUMANOS CONTEMPORÂNEOS**

Importa à sociedade, hodiernamente, discutir e refletir sobre os temas que digam respeito: ao crescimento populacional e da criminalidade; ao aumento do consumo de bens essenciais à vida; aos conflitos entre a liberdade individual e a força dos movimentos sociais e/ou coletivos - muitas vezes constrangedora; ao enfrentamento das violências vividas pelo humano, e não humano, no ambiente citadino; ao movimento migratório mundial que busca condições melhores de vida, a cada um que tem a sua dignidade ofendida, no território em que vive; ao desprezo e à falta de esclarecimentos dos indivíduos sobre as grandes questões ambientais que assolam a saúde do planeta e dos seus habitantes; aos conflitos entre *o ser, o ter e o estar* que desafiam a fé e os valores da essência humana.

As situações, acima descritas, despertam o interesse da ciência e da doutrina jurídica, das ciências e das doutrinas afins, dos meios de comunicação em geral e da sociedade global, fazendo com que as realidades exaltadas se aproximem, com a finalidade de - a partir de visão inter, multi e transdisciplinar -, desafiar a reflexão sobre os obstáculos enfrentados pelas lutas dos direitos humanos, principalmente àquelas relacionadas com a vida (digna), a saúde (equilibrada), a qualidade ecológica dos bens necessários e valorados pelo homem e, com a proteção jurídica de referidos bens.

Todos os estudiosos e pesquisadores - notadamente os que investigam temas jurídicos - devem promover diálogos entre as diversas ciências, disciplinas e outras realidades afins, com a finalidade de integrar a Ética da Natureza com a Ética Humana e com o Direito Fundamental ao Meio Ambiente, buscando dar efetividade aos direitos fundamentais, o que ora é feito no ritmo dos versos produzidos por Cora Coralina, que exaltam a importância da Terra para a vida, humana ou não.

## **FONTES DE INSPIRAÇÃO DOS DIÁLOGOS: AGRADECIMENTOS**

A leitura dos livros, cartilhas e filmes mostram fantásticas histórias, poemas e contos que revelam a importância da visão inter, multi e transdisciplinar da vida, reforçando sempre o valor do respeito à vida (sadia), do trabalho digno, da ética profissional, da fé, do respeito à Família, ao próximo e ao meio ambiente, valores estes consagrados pelas presentes gerações e projetados à garantia das futuras gerações.

Os agradecimentos são para a poetisa Cora Coralina, pela sua singela e expressiva maneira de viver a vida e de reverenciar os valores da natureza. Ela reforça os ensinamentos de que os grandes valores humanos - invocados nas orações dirigidas aos Céus -, integrados ao valor da *terra*, exaltados em seus versos, robustecem o respeito à vida humana digna e ao meio ambiente sadio. Na terra tudo o que é plantado enflora: florescem as plantas e os alimentos que garantem a vida dos homens, dos animais, dos vegetais, entre outros. Plantar a semente, cultivar os alimentos e remover da terra somente o alimento necessário à garantia de cada vida – sustentando a essência da vida - valora a ética humana e a ética da natureza, em homenagem à vida.

## **APRESENTAÇÃO DE CORA CORALINA: UM POUCO DA SUA TRAJETÓRIA**

A presente investigação científica invoca algumas informações sobre vida e a obra de Cora Coralina, autora de belos e verticalizados versos – destacados nos seus poemas e contos -, com o objetivo de realizar, ilustrar e fundamentar diálogos entre importantes situações da vida cotidiana. A delicadeza, a clareza e a singeleza com que Cora Coralina expressa as situações que narra corroboram a compreensão da realidade global contemporânea, o que ora é feito a partir de ricos diálogos entre o Direito, a Natureza, a Arte Literária, esta última revelada pelos da poetisa, os quais vão além da trajetória de sua vida.

### **Nome**

Ana Lins do Guimarães Peixoto Brêtas.

### **Um pouco da história familiar da poetisa e contista**

Ana Lins do Guimarães Peixoto Brêtas nasceu no Estado (Velho) de Goiás, em 20/08/1889, tendo sido criada às margens do Rio Vermelho, em uma das primeiras casas construídas na antiga *Vila Boa de Goiás*, que foi adquirida por seu avô, ainda no séc. XIX, a qual ficou conhecida, nos versos e prosas de Cora, como a *Casa Velha da Ponte*. Despediu-se dessa etapa da vida, em 10/04/1985, em Goiânia, na Igreja do Rosário, ao lado da mesma *Casa Velha*, onde foi criada, e que serviu de cenário à sua obra *Estórias da Casa Velha da Ponte*, lançado pela Global Editora.

Filha de Jacinta Luíza do Couto Brandão Peixoto e de Francisco de Paula Lins Guimarães (nomeado desembargador por D. Pedro II), em 25/11/1911, deixa Goiás em direção à cidade de Jaboticabal (SP), acompanhada do advogado divorciado Cantídio Tolentino Brêtas, com quem Cora tem seis filhos - Paraguaçu, Enéias, Cantídio, Jacintha, Isis e Vicência - quinze netos e dezenove bisnetos.

Em 1924, a poetisa e contista muda-se para a Capital de São Paulo. Mais tarde, com a morte do marido e, necessitando cuidar dos filhos, torna-se vendedora de livros da Editora José Olímpio, em 1934. Cora Coralina reside em algumas cidades do interior de São Paulo, como Penápolis e Andradina, voltando para Goiás, somente em 1954.

### **Um pouco da vocação e das obras da poetisa e contista**

Em 1922, ao ser convidada por Monteiro Lobato para participar da *Semana da Arte Moderna*, Cora Coralina declina do convite, em razão das objeções impostas pelo seu marido, fato que a deixou muito triste, já que há muito buscava - mesmo que timidamente -, o reconhecimento público dos seus textos literários.

São muitas as marcas que expressam o conjunto da obra de Cora, entre as quais o expressivo retrato que traça dos costumes do povo de Goiás, o que faz a partir de suas observações cotidianas, reveladoras da extraordinária capacidade de espontaneidade e simplicidade da poetisa e contista.

Cora Coralina não se preocupa muito com o domínio das regras formais da gramática. Preocupa-se, muito mais, com o conteúdo das mensagens transmitidas pelos seus poemas e contos, conteúdo este que exhibe ricas lições de vida aos seus leitores. A

riqueza do conteúdo expresso em suas poesias e nos seus contos é tanta, que lhe garante, no centro-oeste brasileiro, o mais elevado nível de qualidade de produção literária dos poetas da região.

Cora indaga sobre as realidades do mundo, lembrando que todos, humanos ou não, nele se inserem e se integram. Questiona o papel exercido pelo homem nas realidades da vida e nas áreas do conhecimento, colocando-se à prova, nesta discussão. Seus ricos poemas e contos respondem às indagações de maneira robusta, valorando a ética humana e da natureza, a partir dos fatos cotidianos.

Quando perquirida sobre a sua profissão, afirmava que primeiro se considerava uma doceira, depois uma poetisa e contista. Explicava que, de um lado, os seus doces lhe possibilitavam fazer contatos com pessoas e distribuir-lhes a doçura dos seus quitutes, recebendo, em contrapartida, meigos e dóceis agradecimentos; e, de outro lado, a poesia, nem sempre transmitia sentimentos dóceis, porque podiam expressar as duras e tristes realidades da vida.

### ***Primeira aparição***

A primeira aparição pública de Cora Coralina acontece de maneira acanhada, em 1908, quando ela cria, juntamente com duas amigas, o jornal de poemas femininos intitulado *A rosa*.

### ***Publicação do primeiro conto***

Com o pseudônimo de Cora Coralina, em 1910, a poetisa e contista publica o seu primeiro conto intitulado *Tragédia na Roça*, obra que passa a fazer parte do Anuário Histórico e Geográfico do Estado de Goiás, lhe fornecendo expressão intelectual.

### ***Outras publicações***

Em 1965, a Editora José Olímpio lança a primeira edição do livro de Cora *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. As segunda e terceira edições são lançadas pela Universidade Federal de Goiás por meio da *Coleção Documentos Goianos*, em 1978 e,

em 1980, respectivamente. A romancista Maria Ramos publica um texto de Cora Coralina intitulado *Todas as Vidas*, o qual é lançado no *Caderno Cultural* do Correio Braziliense, em 17.05.1969. Em 1976 a Editora Cultura Goiânia lança a significativa obra de Cora: *Meu livro de Cordel*.

A Universidade Federal de Goiás edita seu livro *Vintém de Cobre - Meias Confissões de Aninha*, em 1983, que é bem recebido, na ocasião, pelos amantes dos contos e das poesias históricas e telúricas. O inesquecível Carlos Drummond de Andrade ao fazer contato com referida obra de Cora, publica uma carta, tecendo-lhe muitos elogios. Definitivamente, esta carta é a grande responsável pela apresentação dos trabalhos de Cora ao mundo literário. Drummond de Andrade assim se dirige à poetisa:

Rio de Janeiro, 07 de outubro de 1983.  
Minha querida amiga Cora Coralina:  
Seu “Vintém de Cobre” é, para mim, moeda de ouro, e de um ouro que não sofre as oscilações do mercado. É poesia das mais diretas e comunicativas que já tenho lido e amado. Que riqueza de experiência humana, que sensibilidade especial e que lirismo identificado com as fontes da vida! “Aninha” hoje não se pertence. É patrimônio de nós todos, que nascemos no Brasil e amamos a poesia [...].  
Não lhe escrevi antes, agradecendo a dádiva, porque andei malacafento e me submeti a uma cirurgia. Mas agora, já recuperado, estou em condições de dizer com alegria justa: Obrigado, minha amiga! Obrigado, também, pelas lindas, tocantes palavras que escreveu para mim e guardarei na memória do coração.  
O beijo e o carinho do seu  
Drummond

Assim como essa, todas as outras cartas - recheadas de elogios e de gentis palavras - enviadas por Carlos Drummond de Andrade, faziam encher de alegria e emoção o delicado e forte coração de Cora Coralina, que observava, então, o reconhecimento público da sua obra literária.

Em 1986, Cora publica a obra infantil “Os meninos verdes”; em 1989, *O tesouro da casa Velha da Ponte*; em 1997, *A moeda de ouro que o pato comeu*, outra obra infantil.

Ao longo de sua trajetória, Cora Coralina produz inúmeras obras, cujos conteúdos são expressos por belos, profundos e marcantes poemas e contos destinados aos

públicos adulto e infantil. Entre outras, têm-se as obras: *Doceira e Poeta; Meu Livro de Cordel; O Tesouro da Casa Velha; Villa Boa de Goyaz; Estórias da Casa Velha da Ponte; Melhores Poemas de Cora Coralina; O prato azul-pombinho; As Cocadas; Os Meninos Verdes; Contas de dividir e Trinta e Seis Bolos; A menina, o Cofrinho e a Vovó; A Moeda de Ouro que o Pato Engoliu*. Entre outros, têm-se os poemas e contos: *Estória do Aparelho Azul-pombinho; Minha Cidade; Antiguidades; Das Pedras; Meu Destino; Eu Voltarei; Velho Sobrado; Saber Viver; Cora Coralina Quem é Você; Mulher da Vida; Assim Eu Vejo a vida; Mãe; Rio vermelho; O Passado; Todas as Vidas; Eu voltarei; Considerações de Aninha; A Escola da Mestra Silvina; Antiguidades; Mascarados; Velho; O Passado; Frei Germano; A Gleba me Transfigura; Ofertas de Aninha (aos moços); Oração do Milho; Poema do Milho; Cântico da Terra; Becos de Goiás; Evém Boiada!; O palácio dos Arcos; Pouso de Boiadas; Minha infância; Trem de Gado; Cântico de Andradina; Cidade de Santos; A Jaó do Rosário; Oração do Pequeno Delinquente; O Palácio dos Arcos; Caminho do Morro; Mulher da Vida; Ode a Londrina; A Lavadeira; A Enxada; A Outra Face; As Traças da Maria; Menor Abandonado*.

### **Homenagens recebidas**

Em 1982, Cora Coralina recebe da Coordenadoria de Moral e Civismo da Secretaria de Educação do Rio de Janeiro o troféu *Cora Coralina*. Em 1983, a União Brasileira de Escritores lhe outorga o prêmio *Juca Pato*, que lhe garante o título de intelectual do ano de 1983, tendo sido Cora a primeira mulher a receber o honroso prêmio. Ela participa como membro efetivo de muitas entidades culturais, recebendo, entre outros, o título de doutora *Honoris Causa* da Universidade Federal de Goiás.

Contemporaneamente, são muitos os textos científicos que se referem à obra da poetisa, sempre lhe prestando as devidas homenagens, o que ora se repete, neste presente texto.

## DIÁLOGOS ENTRE A NATUREZA HUMANA, O MEIO AMBIENTE E OS POEMAS E CONTOS DE CORA CORALINA

Para realizar diálogos ricos e interessantes entre a natureza humana, o meio ambiente e os contos e poemas de Cora Coralina, basta recortar-se amostras de seus belos poemas e contos, e interpretá-los no contexto do direito contemporâneo, invocando valores da essência humana e aqueles relacionados à preservação e proteção do meio ambiente – que deve ser sadio e ecologicamente equilibrado –, na busca da sustentação das presentes e futuras gerações.

Assim, a partir de amostras extraídas dos poemas e contos de Cora Coralina é que se realiza, a seguir, alguns diálogos entre as fontes referidas.

### 1 – *OFERTAS DE ANINHA (AOS MOÇOS)*: DIÁLOGO ENTRE A NATUREZA HUMANA E OS VALORES QUE A COMPÕEM, A FRATERNIDADE UNIVERSAL E A CRENÇA NA POSSIBILIDADE DA EXISTÊNCIA DE VIDA FUTURA SADIA

Eu sou aquela mulher a quem o tempo muito ensinou.  
Ensinou a amar a vida. Não desistir da luta. Recomeçar na derrota.  
Renunciar a palavras e pensamentos negativos.  
Acreditar nos valores humanos. Ser otimista.  
Creio numa força imanente que vai ligando a família humana  
Numa corrente luminosa de fraternidade universal.  
Creio na solidariedade humana.  
Creio na superação dos erros e angústias do presente.  
Acredito nos moços. Exalto sua confiança, generosidade e idealismo.  
Creio nos milagres da ciência e na descoberta de uma profilaxia futura  
dos erros e violências do presente.  
Aprendi que mais vale lutar do que recolher dinheiro fácil.  
Antes acreditar do que duvidar.

A ênfase contida nas palavras, descritas acima, se dirigem à natureza humana e à essência desta natureza, trazendo à baila valores como a fraternidade universal, a solidariedade, a generosidade, o otimismo, a confiança, a família humana, todos eles consagrados nas lutas dos direitos do homem.

Os valores que Cora Coralina consagra nesses versos, contêm lições que desafiam a busca e a realização da paz, da esperança, da fé, do amor, da bondade, da caridade, da justiça, da integração dos povos, do respeito à natureza e da integração simbiótica entre

os seres vivos, perfeita exaltação à ecologia integral, invocada na Encíclica ecológica e social do Papa Francisco, intitulada *Laudato si*.

Os valores invocados e exaltados por Cora reconhecem que o homem é livre para decidir, ensinando, também, que tal liberdade se realizar por meio de atos solitários do homem, que podem e devem se dirigir à busca e à realização do bem comum, o qual pertence a todos, corroborando o desenvolvimento humano, a concretização da inclusão social e a sustentabilidade da vida no Planeta. Observa-se, então, como são importantes as tomadas de decisões dos homens. Cada decisão tomada pelo homem, relativamente à continuidade da vida no (e do) planeta, influi na possibilidade e na qualidade da vida de todos. Tomara que ele (homem) sempre considere nas suas decisões os valores da ética da natureza humana e do meio ambiente, notadamente do meio ambiente natural, que deve se manter sadio e ecologicamente equilibrado, garantindo a boa saúde de todos os seres vivos, presentes e futuros.

## 2 – A GLEBA ME TRANSFIGURA: DIÁLOGO ENTRE A TERRA, AS VIDAS QUE NELA COABITAM E A SIMBIOSE EXISTENTE ENTRE A TERRA E REFERIDAS VIDAS

Sinto que sou abelha no seu artesanato.  
Meus versos têm cheiro de mato, dos bois e dos currais.  
Eu vivo no terreiro dos sítios e das fazendas primitivas.  
[...]  
Minha identificação profunda e amorosa  
Com a terra e com os que nela trabalham.  
A gleba me transfigura.

Dentro da gleba, ouvindo o mugido da vacada, o mééé dos bezeros.  
O roncar e focinhar dos porcos, o cantar dos galos,  
O cacarejar das poedeiras, o latir dos cães...  
Eu me identifico.  
Sou árvore, sou tronco, sou raiz, sou folha, sou graveto,  
Sou mato, sou paiol e sou a velha tulha de barro.  
Pela minha voz cantam todos os pássaros, miam as cobras e coaxam as  
Rãs, magem todas as boiadas que vão pelas estradas.

Sou espiga e o grão que retornam à terra.  
Minha pena (esferográfica) é a enxada que vai cavando,  
E o arado milenário que sulca.

Meus versos têm relances de enxada, gume de foice e o peso do machado.

Cheiro de currais e gosto de terra.

[...]

Amo a terra de um velho amor consagrado.

Através de gerações de avós rústicos,

Encartados nas minas e na terra latifundiária,

Sesmeiros. A gleba está dentro de mim. Eu sou a terra.

[...]

Em mim a planta renasce e floresce, sementeia e sobrevive.

Sou a espiga e o grão fecundo que retorna à terra.

Minha pena (esferográfica) é a enxada do plantador,

É o arado que vai sulcando.

Para a colheita das gerações.

Eu sou o velho paiol e a velha tulha roceira.

Eu sou a terra milenária, eu venho de milênios.

Eu sou a mulher mais antiga do mundo, plantada e fecundada

No ventre escuro da terra.

Os versos acima expressam a força simbiótica que aproxima o homem do mundo natural, este último simbolizado pela terra (superfície sólida da crosta terrestre) e pela Terra (planeta), nas lições da poetisa. Cora observa na simbiose entre a terra, a Terra e as vidas que nelas coabitam e são por elas garantidas, uma força inigualável e uma união infinda e profunda, reveladoras da maternidade que a *terra* e a *Terra* exercem sobre os seres que nelas habitam e delas usufruem – os seus filhos.

Em princípio, podem ser consideradas distintas as realidades designadas pelos signos *terra* e *Terra*. A expressão *terra* (com a primeira letra minúscula), normalmente, refere-se à superfície sólida da crosta terrestre, ou seja, ao chão de apoio aos pés, que permitem o caminhar; o lugar do plantio das árvores e flores; o alicerce dos rios, dos lagos; a base das construções das casas e moradias e o esconderijo em que os seres vivos se refugiam. A expressão *Terra* (com a primeira letra maiúscula) diz respeito ao planeta pertencente ao imenso sistema solar, hoje habitado por criaturas humanas, e não humanas. Porém, quando diante de discussões relativas à realidade socioambiental, que impõe reflexões sobre valores da natureza humana e do meio ambiente natural, Cora Coralina se reporta aos vocábulos *terra* e/ou *Terra*, sem diferenciar os significados dos símbolos (expressos em letra maiúscula ou minúscula), considerando-os semelhantes.

Afirmam os versos da poetisa que o homem se assemelha à árvore, ao mato, aos animais, a tudo aquilo que contém ou possibilita a manutenção da vida, na Terra. O homem é aparentado da abelha - aquela que trabalha construindo casinhas do doce mel - sendo, por vezes, um velho paiol ou uma tulha da roça. O homem, a espiga de milho, e o grão fecundo da espiga que retorna à terra, após a colheita e, tão logo se queda ao chão, *são, todos eles*, parte da natureza, do homem e do emaranhado da grande teia da vida. O homem se identifica com os animais da mata, da selva, com os animais domésticos, com os peixes, com os passarinhos, com aqueles que murmuram e cantam doces melodias, em distintas línguas.

Novamente, pode-se invocar a Encíclica ecológica e social do Papa Francisco, a *Laudato si*, a qual, de fato, expressa um *Louvado seja* à ecologia integral, reconhecendo a Terra como a *Casa Comum* de todos os seres vivos, razão pela qual deve ser Ela cuidada, preservada e bem tratada pelo homem, ser racional. Somente os homens podem estabelecer e concretizar - em prol do meio ambiente natural - entre outros compromissos, o ético, o social, o político, o jurídico e o econômico.

Mostram, ainda, os versos de Cora que ao se identificar com a terra, o homem se mistura com a natureza, se integra com o ecossistema, metamorfoseando a natureza, ao mesmo tempo em que se transforma. E, de fato, é nessa metamorfose que o homem se une simbioticamente aos outros seres e elementos da natureza, formando com eles um único ser - ocupante do mesmo ambiente -, uma única fonte de vida. O que, então, se revela é a presença de um ambiente ímpar, que alimenta e é alimentado pelos seres da natureza, desafiando a existência de uma associação íntima, exclusiva e incomparável entre a Terra e os seres que nela habitam. A Terra pulsa porque é viva. A Terra pulsa, ritmada e ritmando os movimentos dos seres que nela habitam!

Para Cora Coralina a voz da Terra é expressa pelos seres vivos, humanos ou não, e pelas raízes que dela germinam e alimentam a todos os seres. A Terra, o homem e todos os seres vivos – associados, intimamente -, vivem em transformação, sustentando movimentos e evoluções constantes, que apontam indefinidos infinitos do homem, da Terra e do meio ambiente natural, entre outros.

3 – *ORAÇÃO DO MILHO*: DIÁLOGO ENTRE O GRÃO DO MILHO E O GRÃO DO TRIGO, ENTRE O ALIMENTO DO FIDALGO E O ALIMENTO DO HUMILDE, ENTRE O BEM REGIONAL E O BEM UNIVERSAL

Senhor, nada valho.  
Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das lavouras pobres.  
Meu grão, perdido por acaso, nasce e cresce na terra descuidada.  
Ponho folhas e haste, e se me ajudares, Senhor, mesmo planta de acaso, Solitária, dou espigas e devolvo em muitos grãos,  
O grão perdido inicial, salvo por milagre, que a terra fecundou.  
Sou a planta primária da lavoura.  
Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo.  
E de mim, não se faz o pão alvo universal.  
O Justo não me consagrou Pão da Vida,  
Nem lugar me foi dado nos altares.

Sou apenas o alimento forte e substancial  
Dos que trabalham a terra, onde não vinga o trigo nobre.  
Sou de origem obscura e de ascendência pobre,  
Alimento de rústicos e animais do jugo.  
Quando os deuses da Hélade corriam pelos bosques,  
Coroados de rosas e de espigas, quando os hebreus iam em longas caravanas buscar na terra do Egito o trigo dos faraós, quando Rute respigava cantando nas searas de Booz, e Jesus abençoava os trigais maduros, eu era apenas o bró nativo das tabas ameríndias.

Fui o angu pesado e constante do escravo na exaustão do leito.  
Sou a broa grosseira e modesta do pequeno sitiante.  
Sou a farinha econômica do proletário.  
Sou a polenta do imigrante e  
A miga dos que começam a vida em terra estranha.  
Alimento de porcos e do triste animal de carga.  
O que me planta não levanta comércio, nem vantagem dinheiro.  
Sou apenas a fartura generosa e despreocupada dos paióis.  
Sou o cocho abastecido donde ruma o gado.  
Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que amanhece.  
Sou o carcarejo alegre das poedeiras à volta dos seus ninhos.  
Sou a pobreza vegetal, agradecida a Vós, Senhor, que me fizeste necessário e humilde.  
Sou o milho.

Na rica oração dirigida ao milho, Cora aponta a origem humilde deste grão, afirmando que, apesar de o grão-milho não pertencer à tradicional hierarquia do grão-trigo, nas regiões em que ele (grão-milho) é utilizado como alimento, também é

considerado o alimento principal, substancial e o mais nutritivo dos humanos e não humanos, apesar da sua despreziosa nascente.

Afirma a poetisa que na terra em que não vinga o nobre grão de trigo, o grão de milho é considerado alimento fidalgo para aquele que trabalha na terra e o consome, como alimento principal. Da mesma maneira, o grão do milho traduz-se no alimento da vida dos animais, tanto daqueles que corroboram o trabalho do cultivo do grão, como daqueles que servem de alimento aos trabalhadores e cultivadores deste grão, o que reforça a afirmação de que o grão-ouro-milho sustém a todos, sem distinção, tal qual o trigo.

São magnânimos o clamor e o agradecimento que Cora Coralina faz aos céus, enaltecendo, em oração, o grão de milho e destacando o seu lugar, no contexto dos singelos vegetais, o que, assim, é transcrito *Sou a planta primária da lavoura. Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo. E de mim, não se faz o pão alvo universal (...) a Vós, Senhor, que me fizeste necessário e humilde*. O milho é exaltado como alimento saudável e substancioso à saúde daquele que o cultiva, dele dependendo a sua subsistência e a de outros animais. A região em que Cora Coralina nasceu e viveu grande parte de sua vida, enaltece o milho, como o grão principal, que alimenta e tira a fome dos homens comuns e dos animais que participam do cotidiano de sua vida.

Milho, o alimento dos simples, dos singelos, daqueles que cultivam o grão primário de lavouras regionais, do qual se extrai, não o pão alvo universal, mas a broa dourada, que alimenta a todos daquela região, dependentes deste rico alimento.

Nesse sentido, afirma Cora Coralina que o milho, plantado e nascido da Mãe-Terra é o *angu pesado e constante do escravo na exaustão do leite*, podendo querer dizer que, desde há muito, o grão milho é alimento robusto do ser humano, livre ou não. Ao afirmar que o milho é a *broa grosseira e modesta do pequeno sitiante*, a *farinha econômica do proletário*, talvez queira argumentar que ele alimenta a vida de todos, empregados e/ou patrões, aos mais e/ou aos menos favorecidos economicamente. E, quando assevera que referido grão é a *polenta do imigrante* e a *amiga dos que começam a vida em terra estranha*, se reporta, quem sabe, à

comunidade global, que pode unir os homens, por meio de uma fraterna, solidária e universal aliança, conduzida por compromissos ético, político e econômico, em prol do meio ambiente e cuidando da *Casa Comum* de todos – o Planeta Terra.

#### 4 - POEMA DO MILHO: DIÁLOGO ENTRE O DEVER DE PLANTAR, O DIREITO AO ALIMENTO E O DIREITO DA TERRA.

Milho...punhado plantado nos quintais. Talhões fechados pelas roças.  
Entremeado nas lavouras. Baliza marcante nas divisas.  
Milho-verde. Milho seco. Bem-granado, cor de ouro. Alvo.  
Às vezes vareia, - espiga roxa, vermelha, salpintada.  
Milho virado, maduro, onde o feijão enrama.  
Milho quebrado, debulhado na festa das colheitas anuais.  
Bandeira de milho levada para os montes, largada pelas roças.  
[...]  
Milho empaiolado... Abastança tranquila do rato, do caruncho, do cupim.  
Palha de milho para o colchão. Jogada pelos pastos. Mascada pelo gado.  
Trançada em fundos de cadeiras.  
Em qualquer parte da Terra um homem estará sempre plantando, recriando a Vida. Recomeçando o Mundo.  
Milho plantado; dormindo no chão, aconchegados seis grãos na cova.  
Quatro na regra, dois de quebra. Vida inerte que a terra vai multiplicar  
[...]  
Evém a perseguição: o bichinho anônimo que espia, pressente.  
A formiga-cortadeira - quenquém. A ratinha do chão, exploradeira.  
A rosca vigilante na rodilha. O passo-preto vagabundo, galhofeiro, vaiando, sorrindo... aos gritos arrancando, mal aponta.  
O cupim clandestino roendo, minando, só de ruindade.  
E o milho realiza o milagre genético de nascer.  
Germina. Vence os inimigos. Aponta aos milhares.  
[...]  
Jesus e São João desceram de noite na roça, botaram a bênção no milho.  
E veio com eles uma chuva maneira, criadeira, fininha,  
Uma chuva velhinha, de cabelos brancos, abençoando a infância do milho.  
[...]  
"Do chão ao pendão, sessenta dias vão". Passou aguaceiro, pé-de-vento. "- O milho acamou..."- Perdido?"... - Nada... Ele arriba com os poderes de Deus..."  
E arribou mesmo, garboso, empertigado, vertical  
[...]  
- Senhor! Como a roça cheira bem! Flor de milho, travessa e festiva.

Flor feminina, esvoaçante, faceira. Flor masculina - lúbrica, desgraciosa.

[...]

"Não andeis a respigar" - diz o preceito bíblico.

O grão que cai é o direito da terra. A espiga perdida - pertence às aves  
Que têm seus ninhos e filhotes a cuidar.

Basta para ti, lavrador, o monte alto e a tulha cheia.

Deixa a respiga para os que não plantam nem colhem

- O pobrezinho que passa. - Os bichos da terra e os pássaros do céu.

Ao homenagear o milho, Cora Coralina se manifesta sobre os alimentos que sustentam a vida, a natureza, o homem e o planeta, garantidores das presentes e futuras gerações.

O respeito às roças é exaltado por Cora através dos talhões de terra ocupados pelas viçosas e floridas plantações de milho. Ao asseverar que o germinar do milho concretiza *o milagre genético do nascimento*, ela revela - com fé, delicadeza e romantismo - as etapas de vida do nutritivo grão de milho (alimento dos humildes), iniciadas com o evento inexplicável e estupendo do nascimento do grão, passando pelo seu crescimento e completa metamorfose, concretizados com a formação da espiga e da substância nutritiva, brotadas da doce seiva do grão.

O poema do milho, escrito por Cora Coralina, anuncia o milagre da vida que, sustentada pelo farnel que a nutre, justifica a essência da vida. Do milho são extraídos inúmeros e diversos alimentos que abastecem a vida daquele que, deste alimento depende, eis que desconhece ou não tem acesso a outros nobres grãos. O grão de milho sustém o que tem fome.

Na roda da vida, a cadeia alimentar que necessita funcionar de maneira ecologicamente equilibrada, encontra nos versos de Cora o seu alento, a sua coragem e sua tonificação, ao se dar conta que o *Milho empaiolado... abastança tranquila do rato, do caruncho, do cupim*; e que a espiga que gera o grão possui muitas utilidades, assim pois, a *“Palha de milho para o colchão. Jogada pelos pastos. Mascada pelo gado. Trançada em fundos de cadeiras.*

A poetisa revela a força milagrosa da natureza, a vida fornecida pelos alimentos - plantados e, mais tarde, expandidos pela terra -, por meio dos versos o *cupim*

*clandestino roendo, minando, só de ruindade. E o milho realiza o milagre genético de nascer. Germina. Vence os inimigos. Aponta aos milhares.*

A natureza é bem pródiga no que diz respeito à produção dos bens que interessam e abastecem todas as vidas do planeta, vidas que necessitam ser alimentadas pelos nutrientes fornecidos pelos grãos. E a própria Terra – Gaia - que garante a vida, também, necessita de alimentos para se renovar e renovar as vidas que dela depende. Assim é, que nos versos de Cora *o grão que cai é o direito da terra e a espiga perdida pertence às aves que têm seus ninhos e filhotes a cuidar*, bastando a quem a planta *o monte alto e a tulha cheia*, já que a respiga caída no chão deve ser entregue *aos que não plantam nem colhem (...), ao pobrezinho que passa – bichos da terra e pássaros do céu.*

A poetisa se dirige ao milho, prestando-lhe uma homenagem. Diz que o grão milho é um puro alimento produzido pela terra, e que corrobora a sobrevivência e a saúde dos personagens que a habitam. Importante a consciência ambiental invocada por Cora, que ao tratar do mundo natural, identifica os seres vivos e evidencia a necessidade de todos de obterem o pão de cada dia. Ela invoca uma atitude humanizada, que confirme os caminhos traçados pela ação humana - guardiã e mantenedora da Terra-Mãe.

É fundamental que todos percebam o canto e o grito dos irracionais, desafiadores da consciência e da conduta humana de respeitar e salvaguardar os valores da sua essência e os bens naturais que a todos proveem. O resgate do respeito aos valores da essência humana - vida e liberdade, entre outros – provocam importantes reflexões contemporâneas sobre as raízes dos males que prejudicam a humanidade, como é o caso daqueles que levam o homem a consumir/extinguir, de maneira desenfreada e sem critérios, os bens naturais ambientais. Afinal, quem é que sabe raciocinar e dialogar? Quem é livre para escolher decidir?

## 5 - O CÂNTICO DA TERRA: DIÁLOGO ENTRE A TERRA, A VIDA, O MEIO AMBIENTE NATURAL E A NATUREZA HUMANA

Eu sou a terra, eu sou a vida. Do meu barro primeiro veio o homem.  
De mim veio a mulher e veio o amor. Veio a árvore, veio a fonte.  
Vem o fruto e vem a flor.  
Eu sou a fonte original de toda vida.  
Sou o chão que se prende à tua casa.  
Sou a telha da cobertura de teu lar. A mina constante de teu poço.  
Sou a espiga generosa de teu gado e certeza tranquila ao teu esforço.  
Sou a razão de tua vida. De mim vieste pela mão do Criador,  
E a mim voltarás no fim da lida. Só em mim acharás descanso e Paz.  
Eu sou a grande Mãe Universal. Tua filha, tua noiva e desposada.  
A mulher e o ventre que fecundas.  
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.  
A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu. Teu arado, tua foice, teu machado.  
O berço pequenino de teu filho.  
O algodão de tua veste e o pão de tua casa.  
E um dia bem distante a mim tu voltarás.  
E no canteiro materno de meu seio tranquilo dormirás.  
Plantemos a roça. Lavremos a gleba. Cuidemos do ninho, do gado e da  
tulha. Fartura teremos e donos de sítio felizes seremos.

Cora Coralina exalta a terra como a fonte original de toda vida, como o alicerce de tudo que se planta, se colhe e se utiliza como alimento. A terra é alicerce, sustentáculo e cobertura das moradias. Ela protege a todos das chuvas, das tempestades, dos vendavais, das intempéries, em geral. A terra é o chão pisado por todos e o apoio dos pés dos andantes.

A profunda homenagem prestada à terra pela poetisa, deve iluminar o pensamento da humanidade, tendo em vista que para ela, a terra é a origem, o caminho, o fim e a transformação material de todos e de tudo, passando, sempre, pelas grandes e firmes mãos do Criador, que aponta o sentido da vida e a razão de ser de todos que nascem, crescem, vivem e descansam, na grande Mãe Universal.

Cora invoca os cuidados necessários exigidos pela terra, a qual deve ser, antes, lavrada para o eficiente plantio. As plantações realizadas na superfície da terra devem se valer de fecundas sementes, com o fim de produzir nutritivos alimentos. Os cuidados com a terra, devem estender-se àqueles que corroboram o plantio das sementes e a

colheita dos frutos, transmudados em nutrientes de todos. Nada deve faltar à terra, aos que plantam, aos que colhem e aos que são abastecidos pelos frutos saborosos e nutritivos que da terra brotam.

A terra sustém a todos e, por isso, o homem não deve desprezá-la, nem dela descuidar, já que os frutos que da terra brotam são imprescindíveis à vida. Descuidar dos tratos necessários à terra compromete o equilíbrio ecológico, abarcando, por certo, a vida, das presentes e futuras gerações, salvaguardadas no texto do artigo 225 da Constituição da República Federativa do Brasil.

O homem deve ficar atento aos sinais emitidos pelo Planeta Terra, que podem dizer respeito às potências, às fragilidades e à capacidade que a terra possui de produzir os bens necessários à vida. Necessária a realização de constantes diálogos entre a terra, a vida, o meio ambiente natural e a natureza humana, com a finalidade de conhecer, diagnosticar e desenvolver – eticamente - técnicas que corroborem a preservação das riquezas naturais que a Terra-Mãe produz. Essa tarefa é destinada, entre outras, à ciência do Direito que deve criar instrumentos jurídicos capazes preservá-la, protegê-la, tutelá-la, garantindo a proteção do não esgotamento do seu solo e das suas riquezas, mantendo a reserva dos bens necessários à vida, humana ou não.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS: A CONSAGRAÇÃO CONSTITUCIONAL  
DA PROTEÇÃO DOS BENS AMBIENTAIS (E ECOLÓGICOS),  
A ÉTICA HUMANA E A EXALTAÇÃO À TERRA**

Várias são as ciências e as disciplinas que exaltam a força da natureza e da Terra, reconhecendo a necessidade e a importância das reflexões a respeito das questões ambientais, notadamente sobre a importância do meio ambiente natural, imprescindível à sustentação da vida. Necessária a integração dos estudos relativos à natureza, ao homem, ao meio ambiente (social, moral, econômico e ambiental, entre outros) que integra o homem aos demais espécimes vivos, com a finalidade de identificar - com pontualidade e amplitude - a problemática ambiental contemporânea. Indispensável, também, a apresentação de propostas concretas de soluções aos

problemas ambientais enfrentados pelos humanos, e não humanos, buscando valorar e preservar, efetivamente e de maneira segura, os ecossistemas mantenedores das vidas.

Cora Coralina, ao exaltar a natureza, o meio ambiente natural, a natureza humana e a integração entre eles, destaca a imprescindibilidade da terra (e da Terra) à manutenção da vida. Da essência de suas poesias extrai-se que a terra (e a Terra) é a grande força viva da natureza, e os alimentos por ela produzidos garantem o nascimento de tudo e de todos, propiciam a germinação e o desabrochar das sementes, das flores e dos frutos, que nutrem, encantam e curam enfermidades de tudo e de todos, além de garantir as moradias e o alimento vital, de humanos, ou não.

Os textos de Cora despertam o homem para o valor da terra e do planeta Terra, incentivando o homem a adotar postura ativa em proveito da defesa da natureza e do meio ambiente, e a ser reflexivo relativamente aos valores da sua essência. Cora Coralina faz florescer no homem a necessidade de valorar a vida e o meio ambiente sadio e ecologicamente equilibrado – como valores essenciais à continuidade da vida, dos humanos ou não humanos. Os textos de suas poesias revelam a simbiose que existe, necessariamente, entre o homem e a natureza, e a necessidade do chamado de todos à ecologia integral, exaltada pelo Papa Francisco, na Encíclica social e ecológica *Laudato si*, que proclama o dever de todos de cuidar da Terra, que é a *Casa Comum* de todos que a habitam.

No contexto jurídico que desafia as questões suscitadas, indaga-se sobre a possibilidade de, contemporaneamente, a Constituição da República Federativa do Brasil admitir a existência simultânea e cumulativa de um Estado Socioambiental ou Ecológico de Direito com um Estado Social Democrático de Direito (o qual agrega em suas raízes históricas um Estado Liberal de Direito).

A questão é respondida a partir de construção hermenêutica que consiga robustecer valores político-jurídicos constitucionais, justificados por fundamentos e princípios extraídos da própria Carta Magna, que permitam a convivência de uma *Constituição Ecológica* com uma *Democracia Sustentada*, conforme leciona José Joaquim Gomes Canotilho (2001, p. 9-16). Para o doutrinador o Estado Constitucional

Ecológico requer seja realizado, notadamente, um acompanhamento do processo produtivo e do funcionamento das atividades e projetos sem regulação ambiental, observados os perigos das instalações e atividades ambientais, além de uma avaliação integrada do impacto ambiental que incide sobre os projetos públicos e privados e sobre os planos diretores municipais de urbanização.

Participar de um Estado Constitucional Ecológico e de uma Democracia Sustentada impõe a possibilidade de uma melhoria da vida, já que referido Estado impõe respeito aos valores ambientais e ecológicos. Quando o ordenamento jurídico constitucional prevê a responsabilidade dos cidadãos relacionada ao respeito ao ambiente, a integração entre todos pode se dar, de maneira natural, tendo como resultados alguns progressos significativos das condutas humanas e nos modos da aplicação dos instrumentos jurídicos concretizados pelo Estado de Direito Ambiental. Logo, a construção de um Estado Constitucional Ecológico pressupõe, entre outros fatores e conceitos, uma integração entre o ambiente, o homem, e o direito ao ambiente.

A respeito da Terra, ensina James Lovelock (2006, p. 10-12) que ela é Gaia, um *sistema fisiológico único*, uma *entidade viva*, que tem a sua temperatura e os seus processos químicos, similares a outros organismos vivos, regulados de maneira automática e favorável aos seus habitantes. De fato, Gaia se refere a *um sistema de controle da Terra*, ou *uma entidade auto-reguladora*, formada por um organismo vivo, que contém os ambientes e as vidas interligados de maneira integrada. E, como todo organismo vivo, Gaia está sujeita a uma grande variedade de doenças, necessitando de cura às enfermidades contraídas, fatos que impõem a presença de profissionais da medicina, especializados em doenças planetárias, que a contemporaneidade enfrenta, como é o caso da *febre do efeito estufa*, *indigestão das chuvas ácidas*, *poluições de variadas espécies*, e *manchas na camada de ozônio*, entre outras.

Se para Lovelock a Terra é Gaia, para Edgar Morin ela é a Terra-Pátria, observada a partir de sete saberes, que se reportam aos entendimentos sobre: a existência de erros e ilusões na realidade dos sistemas complexos; a necessidade do conhecimento pertinente; o ensino da condição humana; a valoração da identidade da Terra; o

enfrentamento das incertezas dos sistemas; a maneira como se dá a comunicação entre as realidades; a efetividade da ética do gênero humano, que assevera *não desejar ao outro o que não se quer para si*.

O Estado Ecológico de Direito, proclamado por Canotilho, observa o respeito à Terra que tem sido exaltado por doutrinadores de distintas áreas do conhecimento. Para Cora Coralina a terra é a Grande Mãe Universal, sendo ela (terra) lembrada por Leonardo Boff (2011, p. 10) como a Grande-Mãe, a Mãe-Terra e/ou a *Pacha Mama*, ao ser relacionada à Ecologia, que impõe uma arte e um padrão novo de comportamento aos seres humanos diante da natureza, dos ecossistemas e dos seres da natureza, todos integrados, mas interdependentes. Afirma Boff que cuidar da Mãe-Terra é *amar, respeitar e cuidar de todos os seres*.

Completando os diálogos entre o homem, a natureza e os versos de Cora Coralina, acrescenta-se textos da *Carta da Terra - Código Universal de conduta dos povos e nações*, engendrados como uma declaração de princípios éticos fundamentais, - roteiro prático e de significado permanente -, que pode ser compartilhada pelos povos e nações, de modo similar à Declaração Universal dos Direitos das Nações Unidas. A *Carta da Terra* se manifesta como uma *cristalização da nova consciência ecológica e planetária, que funda um novo paradigma civilizatório*, e parte de visão ética que busca um entendimento integral dos fenômenos da natureza (Boff, 2011, p. 14).

Tal como os versos de Cora Coralina, as lições trazidas nos textos de James Lovelock, Edgar Morin, Leonardo Boff, e da *Carta da Terra*, desafiam diálogos sobre questões ecológicas contemporâneas e atuais relevantes tais quais: o valor do planeta Terra; a importância dos bens ambientais; a degradação do meio ambiente; a ética da natureza; a ética humana; o apequenamento dos valores essenciais da natureza humana; a injustiça social; a concretização de direitos conquistados pelo homem, entre outros. Todos os diálogos instigam gritos de protestos contra as violências sofridas pelo homem e pela natureza, na busca de um futuro melhor para todos, que permita a sobrevivência digna e ecologicamente equilibrada das presentes e futuras gerações.

Por derradeiro, para engrandecer à luta em favor da defesa da ética da natureza e do homem, traz-se aos presentes diálogos, dois pontos importantes à efetivação do Estado Constitucional Ecológico, proposto por Canotilho (2001, p. 15), quais sejam: a necessidade de aplicação de um sistema de responsabilidade civil objetiva pelos danos causados ao ambiente por atividades naturalmente perigosas; e a identificação dos sujeitos responsáveis que operam e exercitam os controles efetivos sobre as atividades vinculadas ao meio ambiente, no regime de responsabilidade por danos ambientais. O Estado Constitucional Ecológico deve reconstruir as regras processuais de legitimação ativa, nas ações de responsabilidade. Deve, também, a Democracia Sustentada – pressuposto do Estado Constitucional Ecológico –, possibilitar a colocação do problema da democratização e da participação dos cidadãos e dos grupos pertencentes às organizações não governamentais - do acesso à justiça, com a finalidade de praticar a defesa ambiental, notadamente, nas ocasiões em que o Estado não possa intervir ou, intervindo, não o faça de maneira adequada, eficiente e/ou eficaz.

## REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela Terra*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BOFF, Leonardo. *Ética e ecoespiritualidade*. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela Terra*. 8. ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- CANOTILHO, J. J. Gomes. Estado constitucional ecológico e democracia sustentada. *Revista do Centro de Estudos de Direito do Ordenamento, do Urbanismo e do Ambiente (CEDOUA)*, Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, n. 8, ano IV, p. 9-16, 2001.
- CANOTILHO, J. J. Gomes. *Estudos sobre direitos fundamentais*. 2. ed. Coimbra: Coimbra, 2008.
- CORALINA, Cora. *Melhores poemas/Cora Coralina*. Seleção de Darcy França Denófrío. São Paulo: Global, 2004.
- CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 23. ed. São Paulo: Global, 2014.
- FLORES, Joaquín Herrera. *El proceso cultural: materiales para la creatividad humana*. Sevilla: Aconcagua, 2005.

FLORES, Joaquín Herrera. *Teoria crítica dos direitos humanos: os direitos humanos como produtos culturais*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2009.

LAFER, Celso. *A reconstrução dos direitos humanos: um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt*. São Paulo: Comp. das Letras, 1988.

LOVELOCK, James. *GAIA: cura para um planeta doente*. Trad. de Aleph Teruya Eichemberg e Newton Roberval Eichemberg. São Paulo: Cultrix, 2006.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Trad. de Eliane Lisboa. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Trad. de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

PAPA FRANCISCO. Encíclica social e ecológica “Laudato si”. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html)>. Acesso em: 19 out. 2015.

SARLET, Ingo Wolfgang. *Dignidade da pessoa humana e direitos fundamentais na Constituição Federal de 1988*. 3. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2004.

SARLET, Ingo Wolfgang. *A eficácia dos direitos fundamentais*. 4. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2004.

SARLET, Ingo Wolfgang. Os direitos fundamentais sociais na Constituição de 1988. *Diálogo Jurídico*, Salvador, CAJ - Centro de Atualização Jurídica, v. 1, n. 1, abr. 2001. Disponível em: <<http://www.direitopublico.com.br>>. Acesso em: 19 out. 2015.

VILLAS BÔAS, Regina Vera. *Visão difusa do Direito: vieses da sua complexidade através de um olhar sistêmico*. Tese de 2º Doutorado defendida na PUC/SP, 2009.

VILLAS BÔAS, Regina Vera. Concretização dos postulados da dignidade da condição humana e da justiça. *Revista de Direito Privado*, Ed. Rev. dos Tribunais, São Paulo, ano 12, n. 47, jul.-set. 2011.

VILLAS BÔAS, Regina Vera. Perfis dos conceitos de bens jurídicos. In: MENDES, Gilmar; STOCO, Rui (Org.). *Edições Especiais RT 100 anos; doutrinas essenciais: responsabilidade civil, penal, empresarial, tributário, ambiental, consumidor, constitucional, obrigações e contratos, direito penal econômico, família e sucessões e direitos humanos*. 2011. v. IV.

VILLAS BÔAS, Regina Vera. Um olhar transversal e difuso aos direitos humanos de terceira dimensão: a solidariedade concretizando o dever de respeito à ecologia e efetivando o postulado da dignidade da condição humana. *Revista de Direito Privado*, Ed. Revista dos Tribunais, ano 13, n. 51, jul.-set. 2012.

VILLAS BÔAS, Regina Vera. Violência ética e socioambiental: macula dignidade da condição humana e desafia a proteção dos interesses difusos e coletivos. In: YOSHIDA,

Consuelo; RAMPAZZO, Lino. *Direito e a dignidade humana: aspectos éticos e socioambientais*. Campinas: Alínea, 2012.

VILLAS BÔAS, Regina Vera; VIDRIH, Gabriel Luis Bonora. *O dever de recuperar a área degradada e a responsabilidade civil ambiental na mineração*. In: FILKELSTEIN, Claudio et al. (Org.). *Direito ambiental no século XXI: efetividade e desafios*. Rio de Janeiro: Clássica, 2012.